

QUEM SOU? O JUDEU VISTO PELO NÃO JUDEU NA FICÇÃO DE SAMUEL

RAWET

WHO AM I? THE JEW SEEN BY THE NON-JEW IN THE FICTION OF SAMUEL

RAWET

Saul Kirschbaum*

Resumo

A inserção (ou dificuldade de) do imigrante na sociedade de recepção é afetada não só pela forma em que esta sociedade o recebe (ou discrimina), mas também por como o imigrante se sente recebido (ou discriminado). Este fenômeno não é específico do imigrante, mas ocorre com quaisquer grupos minoritários e pode se evidenciar na literatura produzida por escritores oriundos desses grupos. Este artigo busca analisar, em contos do escritor judeu-polonês-brasileiro Samuel Rawet, o efeito que a percepção do olhar da população hegemônica exerce sobre a busca de identidade do imigrante, do indivíduo oriundo de uma minoria.

Palavras-chave: Minorias, imigração, estranhamento, literatura judaica-brasileira, Samuel Rawet.

Abstract

The immigrant's insertion (or difficulty of) in the receiving society is affected not only by the way in which this society receives (or discriminates against) him/her, but also by how the immigrant feels him/herself received (or discriminated against). This phenomenon is not specific to immigrants, but occurs with any minority group, and is often evidenced in the literature produced by writers coming from these groups. This article seeks to analyze, in short stories of Jewish-Polish-Brazilian writer Samuel Rawet, the effects that the perception by the immigrant of the gaze of the hegemonic population exerts on his/her search for identity.

Keywords: Minorities, immigration, estrangement, Jewish-Brazilian literature, Samuel Rawet.

* Pesquisador independente. Doutor em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. E-mail: <saul.kirschbaum@gmail.com>

Um estrangeiro é, afinal, um “estranho”, um ser bizarro cujas intenções e reações podem ser completamente diferentes do comportamento das pessoas normais (comuns, familiares). E assim, mesmo quando eles não agem de modo agressivo ou explicitamente ofensivo, os estrangeiros (ou estranhos) causam desconforto: sua simples presença torna exorbitante a já intimidadora tarefa de prever os efeitos dos nossos atos e nossas chances de sucesso. No entanto, dividir espaço com os estrangeiros, viver perto deles (em geral não convidados e não desejados), é uma situação difícil para os cidadãos, situação da qual chega a ser impossível escapar.

Zygmunt Bauman, *44 cartas do mundo líquido moderno*, p. 191.

Falava-se de judeus naquela ceia de Natal quando Nehemias, a princípio contrafeito, foi dominado pela repentina consciência do intruso para ali conduzido pelo amigo, e mais brusca ainda a outra conclusão: estava ali o universo, os outros e ele, com os mesmos lugares-comuns, e a mesma contradição insolúvel.

Samuel Rawet, “Natal sem Cristo”, pp. 124 ss.

Confrontados com a necessidade vital de sobreviver em meio a uma população hegemônica nem sempre acolhedora, os membros de uma minoria, seja ela étnica, religiosa ou de origem geográfica, muitas vezes percebem a necessidade de demarcar a diferença que os separa do grupo majoritário como forma ou de fortalecer uma identidade que lhes permita conviver com a população autóctone sem perder totalmente essa identidade ou bem integrar-se radicalmente a ela, rompendo com o grupo de origem pelo apagamento das marcas diferenciais.

No primeiro caso, como observou Jeffrey Lesser, os imigrantes, principalmente os “não desejáveis” – em contraste com os “desejáveis”, que viriam para “embranquecer” o país -, vistos como *diferentes*, equilibrando-se precariamente na linha divisória entre o aceitável e

o inaceitável, vêm-se forçados a negociar sua identidade nacional, que assume a forma de uma “identidade hifenizada”².

Na segunda situação, no entanto, em que o indivíduo busca ocultar sua origem para poder assimilar-se, a demarcação das diferenças pode funcionar como uma espécie de “check list” negativo: preciso saber como a população hegemônica percebe a minoria da qual sou originário para determinar o que devo modificar em minha postura, forma de vestir, hábitos alimentares, uso do idioma, e poder analisar, ponto por ponto, em que medida ainda sou passível de ser reconhecido como pertencente à minoria da qual quero me desvincular. Quanto ainda sou “diferente”.

Em outras palavras, em qualquer situação o estranho é levado a olhar a si mesmo pelo olhar do outro³.

Esta forma de vivenciar o relacionamento com a população hegemônica deixará suas marcas, entre outras, na literatura produzida por escritores ligados – mesmo que a contragosto – à minoria. Como observou Abdelmalek Sayad, na medida em que os contatos do imigrante com a sociedade de imigração se ampliam e intensificam, chega-se a questionar a representação que se tem dele e a que ele tem de si mesmo⁴. Para ilustrar, tento verificar como o judeu se vê aos olhos do não-judeu na ficção de Samuel Rawet.

Samuel Urys Rawet nasceu em 1929 na Polônia, em um *shtetl*⁵ chamado Klimontow, próximo a Varsóvia. Devido às péssimas condições econômicas às quais os judeus poloneses eram submetidos após a reconstituição da Polônia como nação independente, conforme o Tratado de Versalhes, assinado em maio de 1919, em consequência do final da I Guerra Mundial⁶, seu pai, como outros milhares de judeus poloneses, imigrou para o Brasil em 1932,

² Ver LESSER, *A negociação da identidade nacional*, pp. 19 e SS. Grün observa que a “indesejabilidade” dos judeus era reforçada pela consideração, de parte das “classes cultivadas” brasileiras, de que os judeus – e também japoneses, sírios e libaneses – eram pouco propensos a diluir-se através de casamentos interétnicos (Roberto Grün, “Construindo um Lugar ao Sol”, p. 370).

³ A respeito desse olhar reflexo, ver, por exemplo, a crônica “O naturalizado”, de Joseph Nidhauser (p. 31): “Esta é a sina dos naturalizados. Quando falo com um desconhecido, já prevejo a pergunta ‘O senhor é de onde mesmo?’. Os menos delicados perguntam: ‘Mas o senhor não é brasileiro, é?’. Os finos, para não me chocar, perguntam: ‘O sotaque do senhor não é daqui, ou será que estou enganado?’”.

⁴ Ver SAYAD, *A Imigração*, p. 14.

⁵ Guinsburg, J. – *O conto ídiche*, p. 479: “cidadezinha, aldeia em ídiche. Designa especificamente os pequenos aglomerados urbanos em que, durante um largo período, viveram os judeus da Europa Oriental.”

⁶ Ver, por exemplo, S. Ettinger, “The Modern Period” in H. H. Ben-Sasson (org.) *A history of the Jewish People*, p. 958: “There was a turn for the worse at the beginning of the thirties, when anti-Semitic elements gained strength in all these countries, encouraged by the success of the Nazis in Germany. In Poland and Rumania, which belonged to the Petite Entente led by France, there was growing pressure on the part of various public circles for a *rapprochement* with Germany. The expulsion of the Jews from economic life, the ‘purging of the cities’ (*i.e.*, of Jews) and even pressure to force them to emigrate became, sooner or later, the policy of these

em busca de reunir recursos para trazer o restante da família, o que só aconteceu em 1936, quando Samuel tinha sete anos⁷.

O trauma de conviver por quatro anos com a pobreza, com a ausência do pai, de atravessar o oceano e adaptar-se a um ambiente estranho do qual desde sua chegada se viu excluído pela barreira da língua é, logo, ligado à condição judaica. Ele mesmo se vê como eterno imigrante, como exilado. No ensaio “Devaneios de um solitário aprendiz da ironia”, escrito em 1970, Rawet diz: “Praça Mauá. Cais do Porto. Aqui cheguei quando tinha sete anos, aqui começou minha vida de imigrante”⁸; e mais adiante, “A educação da linguagem, a educação da sensibilidade. Foi nas ruas, entre Ramos e Olaria, nos subúrbios da Leopoldina, que iniciei meu aprendizado da primeira, gringuinho, gringuinho de gente que vendia à prestação”⁹; e ainda, no final do mesmo ensaio, “Quem sou eu? Um corpo, evidentemente. [...] Sou eterno imigrante; parto de mim para mim mesmo, de meu corpo para meu corpo, mutável”¹⁰.

Em entrevista a Flávio Moreira da Costa publicada no *Correio da Manhã* de Brasília em 1969 e republicada em *Vida de Artista*, Rawet reforça essa auto percepção:

Até os vinte e poucos anos morei nos subúrbios da Leopoldina. Sou fundamentalmente suburbano; o subúrbio está muito ligado a mim. Aprendi o português na rua, apanhando e falando errado – acho até que este é o melhor método pedagógico em todos os sentidos. Aprendi tudo na rua.¹¹

O estranhamento ligado à consciência de sua judeidade e à percepção da diferença resultante dessa condição tem a ver, pode-se pensar, com o fato de que, dos dez contos de sua primeira coleção, *Contos do Imigrante*, escritos a partir de 1951 e publicados em forma de livro em 1956, cinco têm como protagonista uma personagem judia, em situação de crise, resultante da difícil aceitação pelo grupo no qual tenta se integrar.

governments. The Polish Premier declared: ‘We must not strike the Jews – but to boycotting them, with pleasure!’”

⁷ Entre 1925 e 1935 imigraram para o Brasil 14.609 judeus poloneses, 45% dos 32.521 judeus de todas as origens que vieram para cá no período. Fonte: Jeffrey Lesser, *O Brasil e a Questão Judaica: imigração, diplomacia e preconceito*, p. 318. Certamente, o Brasil não foi o principal destino buscado pelos judeus poloneses.

⁸ RAWET, Samuel – “Devaneios de um solitário aprendiz da ironia”, p. 238.

⁹ *Ibidem*, p. 241.

¹⁰ *Ibidem*, pp. 245-6. O tema da eterna errância, do eterno esforço de adaptação, viria a ser amplamente desenvolvido e ficcionalizado em sua novela *Viagens de Ahasverus à terra alheia...*, publicada no mesmo ano: após uma série infundável de metamorfoses, Ahasverus, o protagonista, acaba por transformar-se exatamente no escritor Samuel Rawet, “e como Samuel Rawet sondou o mundo” (*Contos e novelas reunidos*, p. 477).

¹¹ COSTA, Flávio Moreira da – “Andanças e mudanças de Samuel Rawet”, p. 143.

Como veremos, em dois desses contos, “A prece” e “Gringuinho”, o grupo de recepção do estrangeiro faz parte da população hegemônica, não-judia.

Nos outros três, o conflito se estabelece na relação com um grupo de judeus; em um deles, “O profeta”, o grupo familiar rejeita o protagonista por sua insistência em manter-se fiel à memória da Shoá e aos hábitos da vida na Europa; reciprocamente, este critica e rejeita o grupo familiar por ter optado pela assimilação e ter diminuído a importância da barbárie a que os judeus, como ele mesmo, tinham sido submetidos no período nazista. Em outro conto, “Judith”, a protagonista é rejeitada por sua família por ter saído do “rebanho” e casado com um não-judeu; e em “Réquiem para um solitário” o protagonista, imigrante bem-sucedido, é confrontado por seu próprio filho e atormentado pela culpa de ter vindo para o Brasil, abandonando sua primeira família ao extermínio nazista.

Neste artigo trato somente dos dois contos da primeira coletânea de Samuel Rawet, nos quais o protagonista tem sua identidade judaica evidenciada pelo estranhamento que provoca na população autóctone.

O conto “A prece”, com a maestria característica de Rawet, é narrado sem nenhuma preocupação com a cronologia. A cena inicial já é o desfecho da trama: Ida está voltando para o cortiço, após um dia de trabalho exaustivo e é hostilizada pelas crianças, moradoras do mesmo casarão; para provocá-la, “na expectativa de ouvir a língua engrolada”, atiram pedras que raspam em seus pés. A narrativa prossegue, alternando, sem aviso, às vezes no mesmo parágrafo, eventos de épocas diferentes. Dessa forma, Rawet mimetiza o tumulto dos pensamentos de Ida. Com o prosseguimento da leitura, rearranjando o que está sendo contado, o leitor percebe que a vida da protagonista vem despencando, de tragédia em tragédia, de deslocamento em deslocamento.

Na Europa, Ida vivia a vida normal de uma família judia tradicional, com filhos e marido frequentador da sinagoga. Marido e filhos morreram na guerra, vítimas do nazismo. Ida sobreviveu e, “sem saber como”, um belo dia aportou no Brasil, deixando para trás uma existência inteira. Aqui chegando, “a princípio receberam-na em casa de alguém, mas como novidade, bicho raro de outras terras que tem histórias para mais de um mês. As histórias cansaram. A bondade também”¹². Daí para frente, abandonada pela comunidade judaica, Ida

¹² RAWET, Samuel – “A prece” in *Contos e novelas reunidas*, p. 33. Note-se que Rawet, em 1956, está antecipando, ficcionalmente, o fenômeno reportado por importantes sobreviventes que registraram suas experiências concentracionárias, da dificuldade de narrar o Holocausto em vista do desinteresse dos eventuais ouvintes. Em *Os afogados e os sobreviventes*, escrito em 1986, Primo Levi observa (p. 1): “Quase todos os sobreviventes, oralmente ou em suas memórias escritas, recordam um sonho muitas vezes recorrente nas noites

deverá cuidar do seu sustento trabalhando como mascate – “profissão” que certamente nunca exercera antes -, “os pacotes arriando os braços, e as pernas marcando calçadas e se esfregando em cem capachos diários”¹³, lutando contra uma língua que não entende; para levar seu deslocamento ao extremo, Ida irá morar em um cortiço, um casarão com outras mais de trinta pessoas, onde a privacidade é mínima e a própria existência de judeus é completamente desconhecida.

Como Ida é vista pelos moradores do cortiço? Pelas crianças, desde logo, como uma figura muito estranha, alvo natural de zombarias e arremedos que quase chegam, como vimos, à agressão física. Praticamente emudecida, na única vez em que falara, no casarão, o que dissera é quase incompreensível, o que aumenta o estranhamento e estimula os risos e chacotas.

O clímax do conto ocorre na tarde de uma sexta-feira. Ida, exaurida pelo trabalho e pelo sol tropical aos quais não está acostumada, com gosto de areia na boca, lutando contra o cansaço e a solidão, contra “a vontade de ficar ali pregada”, prepara-se, apesar de tudo, fiel a sua condição de judia devota, para seu primeiro *shabat* no casarão. Cozinha carne, põe duas postas de peixe numa caçarola de água fervendo, cobre a mesa com uma toalha branca, põe sobre a toalha dois castiçais prateados, amarra um lenço branco na cabeça, acende as velas, fecha os olhos, e, com o corpo em balanço, começa suas preces sem saber que está sendo espiada pelas crianças.

A cena toda, tão comum para famílias judias oriundas da Europa Oriental na época, mas tão bizarra para olhares não-judaicos – principalmente por causa das velas, que evocam, na imaginação das crianças, a possível presença de um defunto –, provoca nestas grande espanto, que resolvem chamar os adultos. Estes acorrem prontamente, homens curiosos e mulheres excitadas, e se aglomeram junto à porta de Ida. Escutam, estarrecidos, os sons que escapam do quarto:

de confinamento, variado nos particulares mas único na substância: o de terem voltado para casa e contado com paixão e alívio seus sofrimentos passados, dirigindo-se a uma pessoa querida, e de não terem crédito ou mesmo nem serem escutados. Na forma mais típica (e mais cruel), o interlocutor se virava e ia embora silenciosamente.” Também Jorge Semprun, em *A escrita ou a vida*, de 1994, reporta um diálogo com seus companheiros, como ele recém libertados (pp. 124-5): “- Estávamos conjecturando como teremos de contar, para que nos compreendam. Balanço a cabeça, é uma boa pergunta: uma das boas perguntas. – O problema não é esse – logo exclama outro. – O verdadeiro problema não é contar, quaisquer que sejam as dificuldades. É escutar... Não querer escutar as nossas histórias, mesmo que sejam bem contadas?”. Esta lista, certamente, poderia ser aumentada com as reflexões de outros pensadores. O próprio Rawet, no conto “O profeta”, da mesma coletânea, iria tratar desse fenômeno.

¹³ *Ibid.*

Um jato em dialeto estranho, lamento gritado, escapava da porta de Ida. A voz era quente e forte, ninguém a havia ouvido assim, e deu um nó no povaréu que se comprimia no corredor. As suspeitas aumentaram. Rosa, de mão pesada e carnes fortes, abateu o punho na madeira.
- Arreia a porta!¹⁴

Partilhando o estranhamento das crianças, os adultos desconfiam que algo muito exótico e condenável esteja acontecendo e invadem o quarto de Ida. A observação de Zygmunt Bauman, citada na epígrafe, pode nos ajudar a entender a atitude inicial deles.

No entanto, lá dentro, apenas encontram Ida com as mãos espalmadas nos olhos e o lenço na cabeça, jorrando sua prece. Gritando a reza. Quando abaixa as mãos, a multidão percebe que está chorando abundantemente. Aos poucos, o bom senso volta aos moradores do cortiço quando um dos homens os chama à razão: “Vamos sair, minha gente. Não é nada! Isso é reza lá da terra deles”.¹⁵

Outro conto da coleção *Contos do Imigrante* em que o protagonista judeu se vê na contingência incontornável de se relacionar com um grupo de não-judeus, de forma conflituosa, é “Gringuinho”, talvez o conto tecnicamente mais bem acabado do autor, tendo sido incluído na coleção *Os Cem melhores contos brasileiros do século*, organizada por Ítalo Moriconi e publicada em 2000 pela Objetiva. O fato de que no ensaio “Devaneios de um solitário aprendiz da ironia”, antes citado, Rawet se apresenta como “gringuinho, gringuinho de gente que vendia à prestação” não nos permite supor que o conto contenha traços autobiográficos, mas é indicativo da simpatia do autor pelo protagonista, que talvez o remeta a algumas passagens de sua própria infância. Vê-se na entrevista citada antes, na qual Rawet diz ter aprendido o português na rua, apanhando e falando errado.

Numa narrativa de apenas dois parágrafos que ocupam pouco mais de três páginas; em que os fatos angustiantes do presente se misturam, de forma meticulosamente desordenada, a memórias recentes e antigas, ficamos conhecendo a tragédia do protagonista. Menino judeu recém-imigrado, às voltas com uma língua que não compreende e colegas que, por isso, lhe impuseram o apelido, é constantemente hostilizado por gritos de “Fala gringuinho”, “gringuinho burro”. A hostilidade entre crianças, o “bullying” contra os diferentes e os mais fracos, é um fenômeno comum, mas nosso protagonista – nada submisso - sente muito desconforto ante a insistência dos moleques e já aconteceu de revidar fisicamente.

¹⁴ *Ibidem*, p. 34.

¹⁵ Rawet, “A prece”, p. 35.

Mesmo numa situação agradável, um domingo em que fora convidado à casa de um colega, Raul, para jogar botões, e a mãe do amigo lhe oferecera uma fatia de melão, o menino sentira a estranheza com que é enxergado pelos não-judeus: ao vê-lo, o pai de Raul exclama “Ah! É o gringuinho!”; os tios do amigo concentram a atenção nele, e a fruta quase o sufoca na boca¹⁶.

Há poucos meses na escola, o menino estranha a sala e os colegas, e tem muita dificuldade para acompanhar o que a professora escreve na lousa e o que é lido em voz alta. Num dia em que entrara atrasado – o presente da narrativa -, defronta-se com os olhares fixos e as gargalhadas maciças de cinquenta colegas; mal contendo as lágrimas, senta-se e abre o livro na página indicada. Neste momento, escuta, vinda de trás, a zombaria de sempre, insistente: *Fala gringuinho*. Volta-se para identificar a fonte e é surpreendido pela ordem de leitura. Agora, o *Fala gringuinho* é um coro, e o menino se levanta, derrubando a cadeira, para enfrentar os agressores, mas é contido pela professora, que o suspende pelo braço; passa a ser castigado por ela, que lhe bate na palma da mão com uma régua; não se contém e a esmurra no peito, rasgando seu vestido.

Avaliando que não poderá mais voltar para aquela escola, e sem vontade de frequentar qualquer outra, o menino vai para casa em meio a lembranças tumultuadas de uma infância feliz na velha pátria, “antes do navio”, onde tinha amigos, podia mergulhar no riacho no verão, colher framboesas, roubar cenouras na plantação vizinha, deslizar de trenó quando o rio congelava. Lembra do avô, que ficara “lá” e de quem não ouvira mais falar. Entra em casa, e a mãe, ocupada com suas tarefas domésticas, não percebe seu sofrimento; limita-se a ordenar-lhe que troque de roupa e vá buscar cebolas no armazém. Frustrado com o que lhe parece ser a indiferença da mãe e, depois de muito resistir ao pedido de cebolas, resigna-se e vai.

Se o final de “A prece” é otimista, afinal Ida teve reconhecido pelos vizinhos seu direito de ser diferente, pois foi aceita como moradora do cortiço, o final de “Gringuinho” não é tão promissor. Incapaz de lidar com a rejeição de parte dos colegas e sentindo-se abandonado pela mãe, o menino, para não sucumbir à melancolia, opta pela solução de fugir à realidade externa. Aceita a tarefa de buscar cebolas, mas vai correndo, numa tentativa mágica de

¹⁶ Rawet, “Gringuinho”, in *Contos e novelas reunidos*, p. 44. O tema de um protagonista judeu levado pelas circunstâncias a conviver com um ambiente cristão, que acaba por se revelar hostil ou não tão acolhedor quanto prometia ser, seria retomado por Rawet no conto “Natal sem Cristo”, da coleção *Diálogo*, publicada em 1963.

apressar o tempo; vai com a ideia de deixar de ser criança; sua infância terminou, quer ser logo adulto, única forma, a seu ver, de deixar de ser hostilizado¹⁷.

Na época em que Rawet escrevia os *Contos do Imigrante*, a população judaica no Brasil experimentava um crescimento notável, resultado da vinda para cá de refugiados da guerra na Europa – imigrantes, portanto, em condições muito peculiares -, o que provocava estranhamento, em relação a esses recém-chegados, não só de parte da população hegemônica, não-judia, mas dos próprios judeus já aqui estabelecidos há mais tempo¹⁸. Para avaliar a importância desse fenômeno, basta observar que a população judaica da cidade do Rio de Janeiro, que em 1940 era de 19.473 indivíduos, em 1950 chegara a 25.222 pessoas¹⁹; um aumento de quase 30%.

A construção dos protagonistas de Rawet, em seus primeiros contos, antecipa a observação de Abdelmalek Sayad, para quem o deslocamento dos imigrantes é um espaço culturalmente qualificado, sobretudo através das realizações culturais de língua e religião²⁰. Certamente, estes primeiros protagonistas rawetianos são datados. Não existem mais, no Brasil, “Idas” e “gringuinhos”. Na verdade, como observou Grün, atualmente ser judeu é um trunfo, fornecendo boas expectativas de inserção no mercado de trabalho qualificado, nas redes empresariais e de relações sociais²¹.

Não obstante, Rawet fez uso da contraposição de um protagonista judeu a um grupo de não-judeus, que se relaciona com aquele enquanto judeu, também em obras posteriores, como os contos “Natal sem Cristo”, “Reinvenção de Lázaro”, “Lisboa à noite”, “O casamento de Bluma Schwartz”, e a novela *Abama*. Isso lhe permite, como vimos nos dois contos analisados, olhar para si mesmo, na condição de judeu, pelo olhar do outro, do não-judeu, como num jogo de espelhos. A avaliação que o próprio Rawet fazia da comunidade judaica na qual vivia, ligada, talvez, a esse olhar espelhado, transparece em ensaios como “Kafka e a mineralidade judaica ou a tonga da mironga do kabuletê”, artigo publicado originalmente na revista *Escrita* em 1977, e “As utopias do judeu Buber”, prefácio a *Angústia e conhecimento: ética e valor*, de 1978, textos estes incluídos nos *Ensaios reunidos*, em que contrasta a grande

¹⁷ *Idem*, p. 45: “Quando atravessou o portão acelerou a marcha impelido pelo desejo de ser homem já. Julgava que correndo apressaria o tempo.”

¹⁸ Roberto Grün registra que “as memórias dos primeiros imigrantes nas cidades grandes registram a estranheza com que os diversos grupos de judeus encaravam os indivíduos de ‘mesma religião’ provenientes de outras regiões do Velho Mundo” (“Construindo um Lugar ao Sol”, p. 365).

¹⁹ LESSER, Jeffrey – *O Brasil e a questão judaica*, p. 315.

²⁰ SAYAD, *ibidem*, p. 15.

²¹ GRÜN, “Construindo um Lugar ao Sol”, p. 368.

tradição judaica, representada por Ibn-Gabirol, Maimônides, Spinoza, Einstein, Buber, com sua experiência concreta, que só lhe havia mostrado os elementos negativos do judaísmo.

Vale lembrar, para concluir, que a imagem do jogo de espelhos foi utilizada explicitamente por Rawet em “Parábola do filho e da fábula”, onde diz que esse dispositivo dá acesso a sentidos que, de outra forma, de modo algum seriam percebidos.²²

²² Rawet, “Parábola do filho e da fábula”, in *Contos e novelas reunidos*, p. 134.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *44 cartas do mundo líquido moderno*. (trad. Vera Pereira). Rio de Janeiro: Zahar, 2011, 226 p.
- BEN-SASSON, H. H. (org.). *A History of the Jewish People*. (trad. George Weidenfeld and Nicolson Ltd). Cambridge: Harvard University Press, 1997, 1170 p.
- COSTA, Flávio Moreira. “Andanças e mudanças de Samuel Rawet” (pp. 141-146) in *Vida de artista: um livro de encontros e entrevistas*. Porto Alegre, Sulina, 1990.
- GRÜN, Roberto. “Construindo um Lugar ao Sol: os Judeus no Brasil” (pp. 353-381) In: FAUSTO, Boris. *Fazer a América*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- GUINSBURG, J. *O conto ídiche*. São Paulo: Perspectiva, 1966, 482 p.
- LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito*. (trad. Marisa Sanematsu). Rio de Janeiro: Imago, 1995, 372 p.
- _____. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. (trad. Patrícia de Queiroz Carvalho Zimbres). São Paulo: Editora UNESP, 2001, 345p.
- LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Os delitos, os castigos, as penas, as impunidades. (trad. Luiz Sérgio Henriques). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, 126 p.
- NICHTHAUSER, Joseph. “O naturalizado” (pp. 30-31) in *Revista Schalom num. 62, junho de 1970*.
- RAWET, Samuel. *Contos e novelas reunidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, 490 p.
- _____. *Samuel Rawet: fortuna crítica em jornais e revistas*. (Francisco Venceslau dos Santos, org.). Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2008, 648 p.
- _____. *Samuel Rawet: ensaios reunidos*. (Rosana K. Bines e José Leonardo Tonus, orgs.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, 293 p.
- SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. (trad. Cristina Murachco). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998, 304p.
- SEMPRUN, Jorge. *A escrita ou a vida*. (trad. Rosa Freire D’Aguiar). São Paulo: Companhia das Letras, 1995, 298 p.